

FÉ, ESPERANÇA E AMOR

PETER SPELKE com o auxílio de Dawn Spelke e Sam Dawson

Quando eu tinha quatorze anos, fui mandado para a Escola Cheshire, um colégio interno para meninos com problemas em casa. Meu problema era minha mãe alcóolatra, que tinha arrasado nossa família com seu comportamento. Depois que meus pais se divorciaram, eu tomei conta de minha mãe até ser reprovado na oitava série. Meu pai e um diretor da escola decidiram que um colégio interno de disciplina rígida e bem distante de minha mãe deveria me dar a oportunidade de terminar o segundo grau.

Na palestra de orientação do primeiro ano, o último a falar foi o chefe de disciplina, Fred O'Leary. Antigo jogador de futebol em Yale, era um homem corpulento, de bochechas vermelhas e um enorme pescoço. Sua presença deixava todos inquietos. Um aluno mais velho cochichou em meu ouvido: "Garoto, mantenha distância desse homem. É melhor ele nem saber que você existe!"

O discurso do senhor O'Leary foi curto e direto: "Não saiam do campus, não fumem e não bebam. Não façam contato com as garotas da cidade. Se vocês desobedecerem a essas regras, sofrerão as consequências e vão se ver pessoalmente comigo." Quando pensei que ele terminara, num tom muito mais baixo, o senhor O'Leary acrescentou: "Se tiverem algum problema, a porta do meu gabinete estará aberta para vocês." À medida que o ano escolar seguia, o problema de minha mãe piorava. Ela ligava para mim dia e noite. Com sua voz pastosa, pedia-me para deixar a escola e voltar para casa. Dizia que ia parar de beber, desfilava mil promessas. Eu a amava. Era difícil dizer não a ela, e o meu coração se apertava cada vez que ouvia sua voz. Eu me sentia culpado, tinha vergonha. E estava muito, muito confuso.

Uma tarde, durante a aula de inglês, eu não conseguia me concentrar, pensando em minha mãe. Ao sentir que ia chorar, então pedi para sair da sala.

"Sair para quê?" "Para ver o senhor O'Leary", respondi. Meus colegas me olharam espantados e o professor perguntou se podia me ajudar.

"Não! Eu quero ir à sala do senhor O'Leary agora." Quando saí da sala, eu só conseguia pensar em suas palavras: "Minha porta está aberta." A sala do senhor O'Leary ficava no grande vestíbulo da entrada principal. Quando um aluno cometia uma falta mais séria, ele o colocava para dentro da sala, batia a porta e baixava a cortina interna. Com frequência ouviam-se seus gritos: "Você foi visto fumando atrás do quartel de bombeiros na cidade, você estava com a moça da lanchonete!" Pobre menino.

Quando entrei na fila do lado de fora de sua sala, os outros meninos me perguntaram o que eu tinha feito de errado.

"Nada", eu disse.

"Você está louco? Saia daqui agora mesmo!", eles gritaram, mas eu não podia pensar em outro lugar para ir.

Finalmente chegou minha vez. A porta da sala do senhor O'Leary se abriu e fiquei de olhos grudados nas bochechas do chefe de disciplina. Eu tremia e me sentia um bobo, mas tinha o palpite louco de que alguma coisa ou alguém tinha me levado a esse homem - o homem mais temido da escola. Nossos olhos se encontraram.

"Por que você está aqui?", ele vociferou.

"Na apresentação, o senhor disse que sua porta estaria aberta se alguém tivesse algum problema", eu gaguejei.

"Entre", ele disse, apontando para uma grande poltrona verde e baixando a cortina da porta. Sentou-se e me olhou.

Comecei a falar, enquanto as lágrimas rolavam pelo meu rosto. "Minha mãe é alcoólatra. Ela fica bêbada e começa a me telefonar. Ela quer que eu deixe a escola e volte para casa. Não sei o que fazer. Estou assustado e com medo. Por favor, não pense que estou louco." Enterrei o rosto entre os joelhos e comecei a chorar convulsivamente.

Então aconteceu um milagre - um desses milagres que Deus faz acontecer através das pessoas. Senti a mão enorme do senhor O'Leary pousar delicadamente sobre o meu ombro.

Gentilmente, o temido gigante disse: "Filho, eu sei como você se sente. Vou contar uma coisa para te ajudar: eu também sou um alcoólatra. Vou fazer tudo o que puder por você e sua mãe. Vou pedir para meus amigos dos Alcoólicos Anônimos entrarem em contato com ela hoje mesmo." Naquele instante eu tive a sensação de que as coisas iam melhorar e perdi o medo. Era como se a mão pousada no meu ombro fosse um toque de Deus me transmitindo um intenso sentimento de proteção. Pela primeira vez na vida entendi o que significava fé, esperança e amor, porque estava cheio de fé, esperança e amor por todos ao meu redor.

O homem mais temido do campus se tornou um amigo secreto com quem eu tinha um compromisso: quando eu passava por sua mesa na hora do almoço, piscava para ele amigavelmente. Meu coração se enchia de orgulho porque aquele homem tão temido se interessara pelo meu problema de forma tão delicada e carinhosa.

Eu estendi a mão e, na hora em que precisei... Ele estava lá.